VI ANNO. SEXTA-FEIRA, 9 DE FEVEREIRO DE 1866. N. 525

O DISTRICTO DE AVEIRO

PREÇOS
ASSIGNATURA SEM ESTAMPILHA
Anno 3:200=Semestre 1:600=Trimestre 850 rs.
Cada numero avulso . . . . . 40 rs.

Publica-se regularmente ás terças e sextas-feiras de tarde.
Edição supplementar em dias indeterminados.
Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração — Rua Direita.— Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador estampilhada. — Os escriptos enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos. — As assignaturas são pagas adiantadas.

PREÇOS
ASSIGNATURA COM ESTAMPILHA
Anno 3:800=Semestre 1:900=Trimestre 1:000
Annuncios e correspondencias, por linha 20 rs.

MUSEU AVEIRO BIBLIOTECA

Politica interna

BOLETIM

O projecto sobre as alterações do contrato do caminho de ferro do norte foi ainda a questão da ordem do dia na sessão de terça-feira.

Nessa mesma sessão fallou sobre o projecto o sr. Pereira Garcez, que, pertendendo combater o contrato, não fez mais do que reproduzir os argumentos pouco concludentes, que alguns srs. deputados se tem cansado de repetir.

A discussão, á vista d'isso, está demasiado esclarecida, e não se deve fazer esperar muito o termo do debate, que já deve ter levado ao animo dos representantes da nação o convencimento de que da medida em discussão não resulta prejuizo algum para o paiz.

Fallou tambem nessa sessão o sr. Antonio de Serpa. A camara esperava anciosa ouvir a opinião deste orador, não só attendendo á reconhecida competencia do sr. deputado, mas tambem porque fôra s. ex.ª quem havia feito o contrato de leste e norte. O sr. Serpa rebateu os argumentos dos impugnadores do projecto, mostrando claramente que elle era util e vantajoso para o estado. O nobre deputado poz a questão no seu verdadeiro terreno, fazendo ver que a questão das portarias com que se tem querido combater, não colhe, porque se não trata de saber se uma portaria pode revogar a deliberação que o governo fez, dando a sua approvação aos estudos da companhia, e coagil-a a outras despezas.

Nessa mesma sessão tambem coube a palavra aos srs. Brandão e Ayres de Gouvêa, que apresentaram duas propostas com relação ao contrato.

Na sessão de quarta feira, antes da ordem do dia, na camara electiva, levantou um incidente o sr. deputado Freitas Branco com relação a uns supplementos da *Correspondencia de Portugal*, que tinham apparecido affixados no logares publicos da capital, em que se censurava a gerencia do banco de Portugal. S. ex.ª pediu explicações ao governo sobre o estado em que se achava o referido banco.

O sr. ministro das obras publicas declarou que o balanço do banco enviado todos os mezes ao governo, não suscitava a mais pequena duvida ácerca do seu procedimento com a lei organica, e com os estatutos daquelle estabelecimento.

Fallaram tambem sobre este assumpto os srs. Sant'Anna e Vasconcellos, barão de Magalhães, Teixeira de Vasconcellos, J. Pinto de Magalhães, Carlos Bento e Severo de Carvalho.

Todos estes srs. deputados censuraram e condemnaram o recurso dos pasquins, que não foram provavelmente affixados nas esquinas com fins honestos, nem inspirados pelo zelo da causa publica, mas para desacreditar aquelle estabelecimento.

O sr. Teixeira de Vasconcellos obsersou que se a policia tinha rasgado os pasquins não andára bem, por isso que a auctoridade administrativa não podia encarregar-se de reprimir os abusos de liberdade de imprensa, que o era naquelle caso, em razão dos pasquins não serem mais do que a reproducção do que se escrevêra, dias antes, n'um jornal. Ainda que é certo não segnificarem taes pasquins senão inimisades pessoaes, é conveniente que o governo, em occasião opportuna, indague o que ha, e dê toda a publicidade á sua indagação.

Na ordem do dia fallou sobre o projecto do contrato com a companhia dos caminhos de ferro do norte, o sr. José Julio. S. ex.ª limitou-se apenas a repetir os argumentos que já tinham sido produzidos por outros oradores contradictores do projecto.

O sr. Falcão da Fonseca fez differentes considerações defendendo o contrato, e pouco depois foi votado, sendo approvado por 94 votos contra 30.

Tomaram assento na camara dos deputados os srs. J. Luciano de Castro, e João de Andrade Corvo.

Foram regeitadas as emendas que haviam sido feitas pelos srs. Lourenço de Carvalho, Sá Nogueira e Sousa Brandão.

O *Diario* não publica documento algum que mereça especial attenção.

Grande celeuma se levantua ahi da parte das rotas fileiras da opposição, quando se discutia nas casas do parlamento o contrato com a companhia dos caminhos de ferro do sul e sueste.

Uma vez approvado o projecto pela representação nacional os *expectantes* viraram os olhos para a camara hereditaria, e desviaram-nos de lá quando sentiram que já lhe não restava uma esperança.

A camara alta que ao entrar o projecto as suas portas, era na opinião delles composta de caracteres honrados e independentes, converteu-se breve em instituição anachronica, cujos membros deixaram de ser honrados e independentes, como gente que chatinou a consciencia no mercado ministerial. Convertido em lei o projecto, cessou a matinada e revolta que ia nas falanges *expectantes*.

O silencio, porém, foi transitorio. Apparecêra na camara popular outro contrato que devia soffrer a mesma sorte do primeiro. O contrato com a companhia Salamanca foi, permitta-se a imagem, a filha galvanica que veio dar movimento ao cadaver. A opposição despertára para acordar os antigos echos com a palavra —ruina—.

O debate sobre este projecto do governo tem ido na camara popular esclarecido sempre, ainda que por vezes impugnado talvez aderede por alguns membros daquella corporação. Na opposição ha como que a monomania de impugnar todos os contratos que o governo queira fazer. Os deputados que teem levantado a voz em desabono da medida em discussão combatem-a, por isso que a companhia dos caminhos de ferro do norte estava obrigada, sem ser preciso novo contrato, a cumprir certas condições que agora se estipulam.

E' este o principal bordão a que se apegam os contradictores do projecto para guiarem os passos vacillantes no esconso campo em que militam.

O governo que vê a fazenda publica a luctar com um enorme *deficit*, e que pretende atenual-o a todo o custo, se a companhia do caminho de ferro do norte fosse obrigada pelo contrato anterior a cumprir certas disposições do presente contracto, de certo que não queria onerar o thesouro com esta nova medida.

Acima, porém, da impugnação que se tem feito, está a defeza conscienciosa em que se tem mostrado evidentemente as suas vantagens.

E' de crêr que em breve tenha a approvação do parlamento, porque não é precisa uma discussão muito prolongada para se lhe reconhecer a utilidade; e ao mesmo tempo é certo que se não deve perder tempo com questões de menos importancia, visto que estão para surgir na tela do debate outras de maior valia. A discussão é um meio de esclarecer as materias, de fazer luz na questão mais escura, de fomentar o convencimento nos animos dos representantes da nação, de dissipar duvidas e de promover votação conscienciosa e esclarecida; mas deve attender-se tambem a que cada dia de sessão custa muito dinheiro ao paiz. Dê-se á discussão latitude conveniente ao assumpto, e não se embarace nem se protraia demasiado, que n'isso vae um bom serviço ao paiz, ou antes, o cumprimento de um dever.

O parlamento tem a discutir outras materias que merecem mais attenção do corpo legislativo do que a que ora se debate. O tempo não deve ser gasto em discussões escusadas e prolixas, de que se não tira utilidade alguma.

O contrato com a companhia Salamanca, apesar de ser uma medida que diz respeito ao thesouro, e que por isso mesmo é digna de discussão e de ser examinada com escrupulo pelos representantes da nação, não demanda comtudo largo debate, nem que com ella se gaste o tempo que é preciso para questões de maior monta que estão esperando a sua vez de se rem discutidas.

O paiz aguarda a realisação do programma do governo, porque tem necessidade das reformas que se pretendem fazer em varios ramos da administração publica, e desadora o systema de se estender indefinidamente a discussão sobre materias que não reclamam prolongado debate.

O projecto que occupa a attenção da camara é de vantajem que se reconhece á primeira intuição, e por conseguinte não é mister que a respeito d'elle se gaste o tempo que se póde empregar mais convenientemente em outros assumptos em que seja necessario mais larga discussão.

O paiz paga por bom preço os serviços dos seus representantes; cada lei custa-lhe muito dinheiro e não devem, em vista d'isso, os procuradores do povo abusar do mandato que lhes confiaram, occupando-se em questões inuteis com que nada lucra o paiz. Seja a dimensão dos debates aferida pela importancia dos assumptos, e não se estenda o que é de si pequeno, nem se apouque o que requer mais ampla discussão, e d'este modo será a paga consoante o serviço, o que muitas vezes deixa de succeder.

O codigo civil e outros projectos, que se devem á iniciativa do actual ministerio, o que todo o paiz espera ver convertido em leis, não podem differir-se por muito tempo.

O contrato com a companhia Salamanca está, na nossa opinião, bastantemente elucidado e discutido, para ser votado pela camara. Agora resta apanhar as velas do debate sobre este assumpto, e em seguida marear n'outro rumo.

Ha quichotes de diversas especies: a uns figuram-se gigantes todos os moinhos; a outros figuram-se victorias todas as refregas. Os farfantes de cá foram sempre insignes na representação d'ambos os papeis, mas depois que foram convidados para enterrar pela segunda vez aquella pobre *Opinião*, ficaram suppondo que eram invenciveis!

Julgam os pobres parlapatões que possuem a espada de fogo do Anjo exterminador, — que basta apparecerem para pôrem em fuga todos os seus adversarios. Fugiram, exclamam elles! e os adversarios sempre a apparecer-lhes pela frente, e a zombar da sua parlapatice!

Afinal é isto uma pequena illusão de uma grande vaidade. Persuadiram-se, — e perdoe Deus a quem ajudou a robustecer-lhes tão errada convicção — de que ninguem lhes resistia! Hão de se ir desenganando de que já não ha papões, nem creanças que lhes tenham medo.

Não fugimos; tenham a certeza. Sustentaremos a nullidade da eleição de Vagos contra quem vier impugnal-a. Não temos basofias de sabedores, mas temos a consciencia das nossas opiniões, e o cuidado de as instruir com o estudo. O que não faremos é esgrimir com a propria sombra, nem cruzar a espada do cavalheiro com o chuço do villão, ou com o punhal do bandido. Para esses temos outras armas. Em todas as discussões em que entrarmos, havemos de levantar sempre lealmente a luva, que nos for lealmente lançada, e arredar com despreso o socco que nos cahir ao pés.

Sabemos bem o que pensar dessas competencias que andam todos os dias a querer imbutir-nos, e cujos reflexos ainda se não projectaram sobre nenhuma questão. «A leitura reflectida dos livros, a convivencia com bons auctores, e a intelligencia pequena ou grande, fazem os homens, tornando-os competentes nas materias a que se dedicam.» Mas a leitura reflectida dos livros, e a convivencia com bons auctores, que dão em resultado, além da injuria e da aggressão descortez, um palavrorio insulso, abstruso e deslavado, a que falta a substancia da ideia, e que não tem os encantos do estylo, prova que aproveita pouco, e que a intelligencia é tão curta ou apoucada que não deixa tirar fructo sadio e prestavel da applicação e do estudo!

Se para haver competencia bastasse ouvir reverente a inspiração da sybila, ou provar leitura de algumas duzias de romances francezes, é possivel que tivessem razão. Mas tudo isso não dá senão as taes lantejoulas, que apenas podem enganar os menos cultos entendimentos. São roupas de theatro, que simulam á noite magnificas vestiduras, e que vistas de dia não passam de pobrissimos andrajos.

Fechemos pois esta discussão esteril. Ninguem foge nem receia nada de similhantes contendores. Aceitamos-lhes o combate no campo em que o offerecerem. Ao raciocinio, e ao argumento sisudo, opporemos as armas cortezes da razão e da logica. Contra a invectiva e o doesto procuraremos abroquelar-nos de modo que os tiros, recochetando, vão bater no rosto inimigo. De resto, podem vir quando e como quizerem, porque d'um modo ou d'outro nos encontrarão sempre no nosso posto.

Fiquemos assim entendidos.

Folhetim

A LINDA JOANNA

POR

Theophilo Gautier

VERSÃO DO FRANCEZ

(Continuado do n.º 523.)

Escutára Edith este dialogo, em que se lhe discutia a vida, como pratica que não lhe respeitava; tremia convulsa, e os zunidos da insania azoinavam-lhe a cabeça com tonturas febris; deixou-se agarrar e levar, como se deixa levar pela ama o infante doente.

Saunders afeito a cargas mais pesadas trepou pela escada vacillante com o desembaraço de um gato, e logo poisou no convez encostada ao mastro miss Edith, que mal podia suster-se, porque os membros inertes, não sendo dirigidos pela vontade, fluctuavam a esmo. Ordenou a Saunders o homem da capa que a conduzisse ás entrecobertas, a parte onde nada podesse ver, nem ser vista.

No mesmo ponto foi cumprida a ordem, e no convez da *Linda Joanna*, outra vez deserto, em breve não resoaram senão as passadas do homem encapotado, que passeava no convez espreitando a direcção do vento; pois Benedicto logo á chegada fôra conduzido á camara por Jack e Mackgill, e com cuidado encerrado naquella nova prisão.

Era o seu camarote alindado com bastante elegancia; a cama escondida por pequenas cortinas de damasco encaixava n'uma moldura de madeira das ilhas. Formavam a mobilia uma ottomana de crina preta, uma mesa suspensa em modo a não ser desnivellada pelo balanço, e uma lampada pendente do tecto; porém a janella, aonde Benedicto correu logo, era tapada com um vidro circular empanado, e ajustado com estreme cuidado, e de grossura tal, que nem transparencia, nem esperança de fuga deixava. Parecia que a porta estava egualmente bem cerrada.

Ao ver que eram baldos ensaios de fuga, foi Arundell sentar-se ao canto da ottomana, e ali se esteve sem pensar, sem meditar, comportando a sua sina com a paciencia do selvagem captivo ou da féra engaiolada;—conjecturas, estava farto de fazel-as; traças, eram perdidas. Perspicacia, intelligencia, destimidez, nada lhe montava. Envolto em redes inextricaveis por inimigo ignoto, pobre mosca apanhada na teia de mysteriosa aranha, elle, barafustando, não podia senão mais e mais enleiar as asas, e multiplicar os fios que o prendiam. Fôra joguete de horrorosa emboscada, ou d'infame aleivosia; forçoso lhe era esperar a sua sorte em silencio. Cansado das emoções, e dos acontecimentos daquelle terrivel dia, sem embargo do desejo de ficar desperto para observar o que ia ter logar, sentiu mau grado pesarem-lhe as palpebras. Embora o espirito vellasse, o corpo dormia.

Saltára a viração durante este tempo, e o capitão Peppercul, que estava matando o tempo, beberricando a pequenos tragos uma caneca de *rhum*, por se preservar da humidade do nevoeiro, interrompeu o doce exercicio, e um pouco vacillante subiu ao convez por advertencia do desconhecido da capa negra, que observára os rumos do vento com a sagacidade de homem experto nas artes do mar. — Como o nevoeiro era por extremo humido naquella noute, como homem prudentissimo, tambem por extremo se precatára o capitão. Não era aquelle chibante que havia de perigar com uma vez de *espirito*, e duas ou trez baforadas de ar fresco breve lhe restituiram todo o sangue frio.

—Capitão, descabêça a maré, o vento saltou, é mister fazer-mo-nos ao largo, está concluida a nossa expedição á Inglaterra, disse o homem da capa, quando viu apparecer Peppercul.

— Ouvir é obedecer, disse este, parodiando, sem sabel-o, a formula de submissão oriental, porque parecia que o homem da capa lhe inspirava respeito misturado de susto, apesar de não ser naturalmente servil nem poltrão o capitão Peppercul.

Foi dado o signal de desferrar. Os espeques encasaram no cabrestante, e os marinheiros carregando com toda a força de braços e peitos começaram o seu movimento de picadeiro, entoando em lamentosa cadencia aquelle singular cacarejo composto da queixa do vento, do soluço da vaga, do guincho da gaivota, e em que o dessocego da natureza parece vir misturar-se com as lidas do homem. A anchora desgarrava, e já no tambor do cabrestante muitas voltas de corrente s'enrolavam, e com o gotejar molhavam o convez.

Ao ouvir este lamuriar estranho, e o sapateado regular que o acompanhava, Benedicto, que já delineava um sonho cheio de catastrophes singulares e d'apparições sinistras, vaga imagem das aventuras daquelle dia, intendeu que iam largar. Tinha de si para si que este accessorio não lhe aggravava muito a posição, e era-lhe essencialmente indifferente permanecer captivo em prisão immovel, ou em prisão fluctuante; sem embargo ficou repassado d'incommensuravel tristeza; estar captivo na Inglaterra, no solo povoado por seus amigos, que o procuravam,—viver do mesmo ar de que vivia Amavel, era ao menos conforto; agora não podia já contar com os trabalhos de parentes e amigos para descobril-o. Como haviam de seguir-lhe o rasto pela esteira de um navio, a qual rodopiando se fecha logo? Perdida estava Amabel para sempre.

Seguiam continuos os singulares rumores, e breve foi suspensa a ancora; os marinheiros trepando ás gaveas e vergas desferraram as vellas, que palpitando ruidosas se expandiram á viração, como asas d'ave maritima, que vae despedir o vôo, —mas caçadas pelas escotas fizeram seio, arredondaram-se, e a *Linda Joanna* impellida deu uma graciosa guinada.

De pé junto da bitacola alumiada por luz tremulosa segurava Mackgill a roda do leme, e governando a *Linda Joanna*, sensivel ao impulso como cavallo de bocca doce, endireitava-a, e furtava-a aos navios e barcas, que a visinhança do dia arrancava do torpôr, e que já no largo rio se cruzavam em todas as direcções.

Repontava a manhã; os traços de luz descorada sulcavam bastos acervos de nuvens. Os raios avermelhados das barcas-pharoes desmaiavam a olho, amortecidos pelo clarão do dia; a custo visiveis, recuavam para o horisonte as margens do rio, e as aguas amarellentas remexiam-se em ondas mais dilatadas. Presentia-se a visinhança do pégo, e a *Linda Joanna*, embalada no marulho, enterrava e erguia a prôa, cercada de uma onda d'espuma.

Meio adormentado, estava Benedicto com o cotovello fincado no travesseiro de crina, quando o ranger da porta o despertou inteiramente. Esta correu no encaixe, e subito ao liminar do camarote assomou o homem da capa negra.

(*Continúa.*)

Relatorio do sr. ministro das obras públicas, commercio e industria.

Senhor. — A exposição internacional portuense, prestes a encerrar-se desvendou novos horisontes á nossa industria, chamou sobre o nosso paiz a attenção da Europa, e deu aos timidos um brilhantissimo exemplo do que póde a iniciativa particular, quando inspirada pela fé e robustecida pelo verdadeiro amor da patria.

A ideia de uma exposição internacional na segunda cidade de um pequeno reino, que, ufano das passadas glorias, se deixára atrazar no caminho em que precedêra as demais nações, pareceu a muitos uma temeridade que, a realisar-se, seria um desproveito do bom nome portuguez, conservado illeso na memoria dos povos por emprezas de outra indole e de outras epochas.

Quiz porém a boa fortuna dos crentes no nosso progresso, que a exposição internacional portuense, embora contrariada por imprevistas circumstancias, fosse além da espectativa publica, e sem pretender arrogar-se fóros de fidalguia désse de si honrosa conta ás nações experimentadas nestas luctas industriaes, que são a gloria do nosso seculo e o caracteristico da sua vida social.

Não ignora V. M. como nasceu e medrou o elevado e patriotico pensamento da exposição postuense, perfilhado depois por alguns benemeritos cidadãos, que para o realisar não duvidaram arriscar os seus haveres, honrosamente adquiridos, superando difficuldades que mesmo aos mais animosos se affiguravam como invenciveis. O Palacio de Crystal, primitivamente destinado as mais modestas applicações, estreou-se-se, com honra para Portugal, com uma exposição industrial e artistica por alvitre do Senhor D. Pedro V, de saudosissima memoria, que no engrandecimento da patria puzera o fito de todos os seus cuidados.

Uma palavra unica do rei popular, recolhida com acatamento pelos directores do Palacio de Crystal, fez desviar do seu desambicioso fim a edificação nascente, convertendo-a em templo do trabalho, a que nacionaes e estrangeiros não duvidaram acudir, impellidos pelo nobre estimulo da concorrencia, crysol em que o seculo actual depura o merecimento, e, como em capitolio, o corôa com as palmas da victria. Do throno viera a voz da esperança e no Porto achou quem lhe não cerrasse os ouvidos, e sem olhar a estorvos a convertesse em facto, que a historia industrial do nossos paiz já não póde deixar de registrar como prologo de uma grande obra, que a geração presente tem de continuar e a futura de ultimar, sob pena de descermos do nivel de nação que se présa e caminha pela convidativa estrada do progresso.

A imprensa, facho que allumia os peregrinos da cruzada social, debatendo gravemente a ideia de uma exposição internacional n'um paiz de acanhado territorio e comparativamente atrasado das duas grandes nações, que primeiro se aventuraram a chamar a Europa a estes duellos da civilisação, apenas negou a opportunidade do tempo, sem com isso pretender fazer entibiar o alento aos que, como ella, visavam desasombrados a fazer com que Portugal désse mais um passo no seu já inquistionavel progresso, contrariado desde o comêço deste seculo por causas que seriam a ruina de um povo menos amante da sua nacionalidade do que o povo portuguez.

A lembrança de uma simples exposição peninsular apresentada como tentamen das nossas forças industriaes em relação aos nossos visinhos de Hespanha pareceu a parte da imprensa periodica um expediente aproveitavel que, salvando-nos de terriveis competidores, nos adestrasse para mais tardios e brilhantes commettimentos. Era desinteressado o conselho e de prudente levava todos os visos, mas a que fosse aceito se oppunha a modestia que deseja sempre a lição dos que mais sabem, a irresponsabilidade official dos directores do palacio da industria, finalmente a fidelidade á memoria do Senhor D. Pedro V, que se desejava acatar, dando lusido e inteiro cumprimento ao seu patriotico legado.

Por largo tempo se conservaram os poderes publicos estranhos, como lhes cumpria, aos primeiros trabalhos da sociedade do Palacio de Crystal quando ella, quebrando por todos os obstaculos, estava já disposta a levar por diante a realisação do seu plano apesar de lhe medir o alcance, tendo, desvalida de protecções, de mendigar fóra do reino e nas regiões officiaes o indispensavel auxilio para o complemento da obra que premeditara.

Desta data em diante tornou-se a imprensa solidaria com a sociedade do Palacio de Crystal, e o governo, invocado em nome do paiz acudiu ao seu chamamento, senão com o largueza com que dezejaria fazel-o, pelo menos nem a boa vontade que nunca mais se desmentiu até á abertura da exposição iaternacional portugueza.

As duas casas do parlamento, conscia uma da origem do seu mandato e a outra dos deveres que a tradição lhe impunha, não duvidaram annuir á proposta dos que então eram conselheiros da corôa, amparando parcamente, mas sem estereis divagações, o louvavel pensamento da sociedade do palacio do crystal.

Não é meu proposito encarecer a V. M. com exaggeros de palavra o que foi preciso de actividade, intelligencia e são patriotismo da parte dos directores da exposição portuense para a levar a cabo sem desaire nacional, quando os obstaculos superados são recentes, de hontem o triumpho e a sua consagração pela voz publica.

Cabe aqui, senhor, antes de outras considerações que directamente se prendem com o assumpto e com a importancia relativa da nossa exposição apresentar a V. M. os dois prestantes cidadãos. A. Ferreira Braga e Alfredo Allen, nomes desde já inseparaveis de uma data memoravel nos fastos da industria portugueza, e como taes dignos do favor que V. M. por convencimento proprio e exemplo herdado se compraz em dispensar aos que trabalham com a mira unica no progresso da terra natal.

Anormaes e tristes foram as circumstancias que precederam de perto a exposição internacional portuense, como pouco propria a occasião em que teve de verificar-se. Do Brazil, exilio voluntario dos portuguezes que não acham na patria em que empregar a sua actividade, e onde raro deixa de ser ouvido o reclamo de uma ideia nobre e fertilisadora, veio d'esta vez auxilio mais escasso do que era uso quando invocado para emprezas uteis em que estivesse empenhado o pundunor nacional. Coincidira o appello aos nossos irmãos d'alem mar com crises commerciaes funestas para o imperio brazileiro, que reflectindo-se nos capitaes portuguezes lhes não deixaram correr de par a generosidade com os bons desejos, falhando por esta parte uma das bem fundadas esperanças da sociedade do palacio de crystal.

Aos que veem curtamente as questões, e não alongam os calculos alem do dia presente, pareceu que todas as dificuldade estavam vencidas, e que o paiz fizera pelo paiz tudo quanto devera quando, preenchidas as formulas officiaes, dera momentaneo alento á sociedade do palacio de crystal com um subsidio inferior ás sommas que os cofres publicos auferiram depois pelo facto da exposição internacional, isto independentemente de vastas considerações economicas, alheias neste momento ao assumpto, mas que os governos não podem deixar de registar como indicio de uma transformação lenta mas segura nas tendencias e propositos dos nossos industriaes.

De-de as alfandegas, uma das primeiras fontes da receita publica, descendo a consultar os cofres do correio e telegraphos do reino, não houve, fallam os algarismos por esta affirmativa, uma unica repartição do estado que não fosse beneficamente influenciada pelo facto da exposição portuense, que tem saldas as suas contas com o paiz, ainda mesmo abstraindo da influencia moral que sempre exercem no animo do povo as resoluções não eivadas de vistas dobles e mesquinhas.

A historia das exposições industriaes é de moderna data, mas luminosa, instructiva e animadora para o nosso primeiro ensaio neste genero de lutas, em que vencedores e vencidos se honram esquecendo procedencias, obliterando reciprocas offensas e caminhando juntos para o progresso, destino commum da humanidade.

Modestamente circumscriptas, foi em França e na sua capital que tiveram logar as primeiras exposições de productos nacionaes, alargando-se estas successiva e brilhantemente até darem em resultado a exposição internacional de 1855, contraste opulento da humildade com que meio seculo antes Pariz expunha quasi em familia os segredos da sua já então adiantada e viril industria.

Um estudo comparativo das datas das exposições quer nacionaes, quer internacionaes, e do numero sempre crescente dos seus expositores, falla mais eloquentemente em abono das tendencias das diversas industrias a confratenisarem do que o poderiam fazer os mais sagazes vaticinios da sciencia.

Para desculpa da exposição portuense, se ha quem creia que ella careco dar razão de ser patriotica, chamamos á auctoria as diversas exposições nacionaes francezas, antes da gloriosissima data de 1855, em que Portugal põe os olhos com respeito, forçado pela estreiteza do seu territorio e outras poderosissimas causaes a não ter a pueril ambição de querer igualar. Rasteiros são de ordinario e por vezes humilissimos os ensaios das obras primas do engenho humano, mas é com a perseverança que se galgam as barreiras, que o desalento suppõe invenciveis, e se triumpha das contrariedades dos tempos. O nome que deixamos no historia do mundo attesta o poder da vontado que sabe eximir-se dos preconceitos da rotina, não se detendo em medir os contras das emprezas em que uma vez se empenhou.

Senhor. A exposição internacional portuense acoimada de intempestiva por uns e de irrealisavel por outros, achou nos nossos industriaes e artistas quem a soubesse comprehender, e se algumas lacunas n'ella se notam que quebram por vezes os élos da cadeia, tornando impossivel o confronto dos nossos com os alheios productos, é isso devido menos á incuria do que á inexperiencia, mais á novidade do acto e ao receio de desvendar os olhos a economistas menos sagazes, patenteando-lhes inteira a verdade, do que á mingua de interesse pela gloria do paiz. Talvez mesmo que a falta de unidade nos trabalhos preparatorios para a remessa dos productos á exposição fosse o unico motivo de não estarem completa e solectamente representadas quer as riquezas do solo, quer as materias primas indispensaveis para o estudo dos artefactos, quer os objectos de rustica mão de obra que não destoariam como conforto das classes desvalidas entre as alfaias luxuosas e as finas porcellanas das fabricas estrangeiras.

(*Continúa.*)

Recebemos a seguinte carta do sr. Feliciano da Costa Bilro, professor de ensino primario na Mealhada, e juntamente a copia d'um officio que o digno administrador do concelho, o sr. Alexandre de Assis Leão enviou áquelle professor.

E' digno de elogio o procedimento do sr. administrador, e prova bem quanto s. s.ª se interessa em promover a instrucção dos seus administrados.

Sr. redactor.

Ainda que os poderes publicos tenham descurado em grande parte a mais importante e civilisadora de todas as instituições—as escolas primarias; ainda que o professor seja tido em pouca conta por uma grande parte d'aquelles a quem mais interessam os seus serviços como instructor da infancia, é certo que podemos registrar não poucos actos de dedicação que attestam que, no nosso paiz, ainda ha quem saiba apreciar as vantagens da instrucção, e que a promova com a maior assiduidade.

Nas aldeias, sr. redactor, a maior parte dos alumnos que frequentam as escolas são filhos de paes indigentes, e que mal podem satisfazer ás primeiras necessidades da vida; e por esta circumstancia nem sequer lhes podem comprar os livros, exemplares, e folhetos que o seu maior ou menor adiantamento reclama.

Bem comprehendeu o illm.º sr. administrador deste concelho o sr. dr. Alexandre d'Assis e Leão a desvantagem do professor em tal situação.

Acabo de receber de s. s.ª o seguinte officio, e com elle os folhetos a que se refere. N'elle encontrarão os leitores um verdadeiro documento da bem conhecida illustração de s. s.ª, e do zêlo com que promove a instrucção dos seus administrados. São sempre dignos de louvor estes actos, e ao governo cumpre tel-os na devida consideração.

Mealhada, 3 de fevereiro de 1865. Sou de v. etc.

Feliciano da Costa Bilro.
Professor publico.

Illm.º sr. — Não podendo eu, por motivos superiores á minha vontade, ir ahi hoje, como promettêra e tencionava, a fim de distribuir áquelles dos seus alumnos, que me indicasse, os dez exemplares do folheto sobre o sytema metrico, que junto, vou por este meio pedir a v. tenha a bondade de offerecer-lh'os da minha parte, fazendo-lhes sentir ao mesmo tempo que elles devem considerar esta pequena offerta unicamente como uma prova do quanto me interesso pela sua applicação e aproveitamento.

Deus guarde a v. — Barrô, 1 de fevereiro de 1866.

Illm.º sr. professor de instrucção primaria, na Mealhada. = Alexandre d'Assis Leão, administrador do concelho.

Correspondencias

Sr. redactor.

Aveiro, 5 de fevereiro de 1866.

Vou ainda por esta rogar a v. a graça de fazer inserir no seu jornal as duas inclusas cartas, e esse agradecimento aos nobres habitantes deste districto.

Mais uma vez me confesso

De v. etc.

Vicente Augusto d'Araujo Camisão.

Illm.º sr. Vicente A. de Araujo Camizão.

Os empregados da repartição de fazenda deste districto, abaixo assignados, vem profundamente sentidos manifestar a v. s.ª o pesar que teem pela sua transferencia da commissão que aqui exercia, para identica em Villa Real.

Faltariamos a um dever de consciencia e de gratidão, se não viessemos dar-lhe esta prova de saudade, e agradecer-lhe a nimia delicadeza com que sempre nos tratou, em quanto tivemos a ventura de o ter por chefe.

Pode v. s.ª fazer o uso que lhe aprover desta nossa carta. E creia que jámais será olvidado por os que teem a honra de a assignar

De v. s.ª verdadeiros amigos collegas e muito obrigados.

Aveiro, 3 de fevereiro de 1866.

Joaquim de Sequeira Moreira, official.
José Maria de Magalhães.
S. de Sá Barreto d'Eça e Noronha.
José Roque Machado.
Antonio Egidio Ferreira da Cunha.
Alipio Anthero de Carvalho.
João Pedro de Mendonça Barreto.
José Ferreira Lucena.
Antonio Augusto de Moraes e Silva.
José Ferreira Correia de Souza Junior.

Illm.os amigos e srs. empregados da repartição de fazenda do districto de Aveiro.

Agraleço a vv. s.as a manisfestação de sentimento por a minha transferencia deste districto para o de Villa Real, e agradeço-a tanto mais, quanto vejo que é sincera, de verdadeiros amigos, de pessoas dotadas de instinctos de rara delicadeza e bondade com que souberam penhorar-me.

O sentimento de vv. s.as por ter de retirar da commissão que exercia aqui, não é talvez, individualmente, superior ao meu.

Como chefe, vi sempre em vv. s.as empregados dedicados, trabalhando, fazendo até sacrificios para estabelecer o meu credito, não sei se merecido, de homem zeloso pelas coisas publicas; como homem, souberam, por seu trato e acções delicadas, apresentar-me, como em relêvo suas distinctas qualidades, e confundir-me por inumeros obzequios, que jámais esquecerei.

Quanto valho, quanto possa em Villa Real, para onde vou marchar brevemente, está á disposição de vv. s.as, de quem me confesso, com a maior saudade,

amigo verdadeiro e collega muito obrigado.

Aveiro, 3 de fevereiro de 1866.

Vicente Augusto de Araujo Camizão.

AGRADECIMENTO

Ill.mos e ex.mos srs.

O sentimento de vv. ex.as por a minha transferencia deste districto para o de Villa Real, é mais uma das muitas e inequivocas provas da estima que me consagram, e que me honra muito.

Bem quizera testemunhar a todos, pessoalmente, o meu reconhecimento, por o acolhimento benigno que me fizeram, por a sua obsequiosidade para comigo e minha familia, durante o tempo da minha commissão aqui.

Na impossibilidade de o fazer, por motivos que ninguem ignora, e que me tolhem mesmo de responder ás innumeras cartas d'amigos, que vem demonstrar-me o seu pesar por a minha sahida deste districto, dirijo-me por esta fórma a todos, e espero que a sua benevolencia me dispensará d'isso.

Ao meu desejo de os abraçar em despedida, contrapõe-se o dever de empregado publico, que me força a separar-me precipitadamente de pessoas que nunca esquecerei, por sua delicadeza, benignidade e excellencia.

A todos, mesmo áquelles em quem via indifferentes, e agora amigos, eu venho manifestar a minha gratidão e saudade, e offerecer o meu pouco prestimo, e fazer quanto em mim caiba.

A minha familia, que se demora ainda algum tempo em Aveiro, irá agradecer e retribuir, antes de sahir desta cidade, a visita a todas as sr.as que tiveram a attenção de fazer-lh'a, pela occasião da noticia da minha transferencia.

Ouso assignar-me

De vv. ex.as

Am.e, creado reconhecido e obg.do

Aveiro, 5 de fevr.º de 1866.

Vicente Augusto d'Araujo Camisão.

Actos Officiaes

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 26 de 3 de fevereiro

MINISTERIO DO REINO

Decreto nomeando par do reino ao conselheiro de estado extraordinario dr. Roque Joaquim Fernandes Thomaz.

— Despachos effectuados no mez de janeiro findo.

—Portaria dando as instrucções convenientes ao enfermeiro-mór do hospital de S. José, para que este estabelecimento possa ser indemnisado das despezas que faz com grande numero de enfermos pobres de fóra do antigo termo de Lisboa.

—Outra ordenando que se abra novamente concurso para provimento do logar de porteiro da Academia Real de Bellas-Artes.

— Aviso de que está a concurso, por espaço de 20 dias, a contar de 5 do corrente, o logar de porteiro da Academia Real de Bellas-Artes de Lisboa, com o ordenado annual de 120$000 rs.

MINISTERIO DA MARINHA E ULTRAMAR

Noticias de Macau.

MINISTEIO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS

Noticia de que o consul de Portugal em Marrocos enviou á secretaria de estado dos negocios estrangeiros o termo de obito do subdito portuguez José da Cruz, fallecido em Tanger, e que o espolio deste foi remettido a sua mãe Maria da Conceição, viuva.

OBRAS PUBLICAS

Portaria louvando o zelo com que se desempenharam da importante commissão de que foram encarregados os segundos officiaes do ministerio das obras publicas, Francisco Antonio de Vasconcellos e Francisco Augusto Florido de Mouta e Vasconcellos encarregado de vir á exposição internacional portugueza colligir os dados que possam contribuir para a melhor representação de Portugal na exposição universal de 1867.

—Relatorio d'esta commissão.

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 27 de 5 de fevereiro

REINO

Relação dos individuos agraciados com mercês honorificas por diplomas do mez de janeiro ultimo.

—Outra das pessoas que prestaram serviços por occasião da epidemia da cholera em Elvas.

MINISTERIO DA FAZENDA

Venda no dia 4 de abril proximo, de fóros, censos e pensões impostos em propriedades sitas no districto da Guarda.

—Continuação do annuncio do pagamento dos vencimentos do mez de janeiro a diversas classes.

MARINHA E ULTRAMAR

Noticias de Angola, S. Thomé, Principe e Cabo Verde.

Exterior

Ainda ha que dizer respeito á Hespanha. Este reino continúa a estar sob a mão tyrannica de O'Donell que põe todos os seus esforços para abafar a agitação revolucionaria que ainda não cesou completamente n'aquelle paiz.

No dia 31 de janeiro foi fuzilado em Madrid José Barnel acusado de soltar gritos subversivos da *ordem*. Escoda ainda se acha á frente d'alguns insurreicionados, e Madrid continúa em estado de sitio.

E' isto o que em resumo se pode dizer da Hepanha com relação á revolta.

No senado hespanhol está em discussão o projecto de resposta ao discurso do throno. Em quanto á insurreição os membros d'aquella corporação mostram-se muitos circumspectos e concisos como reciando que ainda não é occasião opportuna de aquilatar sem rebuço os factos ultimamente occorridos. Quanto porém, a outros assumptos não fazem outro tanto. Acerca de negocios internacionaes dizia o senador Carradi na sessão de 30 de janeiro:

« Parece que a união liberal está destinada a atear o facho da discordia todas as vezes que sobe ao poder. Quando por outra occasião ella esteve no poder, rebentou a guerra d'Africa, em que colhemos louros, mas á custa de muito sangue e sem proveito algum Em seguida appareceu a empreza do Mexico d'onde voltaram as nossas tropas sem terem vingado o sangue derramado, e perdendo a influencia que deviamos ter no mundo que fôra descoberto por Christovão Colombo e conquistado por Fernão Cortez. Fomos depois a S. Domingos onde tivemos uma lucta cruenta derramando o sangue de nossos soldados e consumindo os recursos do nosso thesouro. Agora que a união liberal novamente dirige os destinos da nação temos a guerra com o Chili.»

E' fóra de duvida que este senador quiz mostrar que a guerra do Chili havia de ser funesta para Hespanha. Fallando dos nenhuns resultados que aquelle paiz colheu das outras guerras que fez na occasião do governo da união liberal, quiz dar a entender que, agora que a mesma união liberal occupava as cadeiras do poder, não correriam as coisas com melhores resultados do que no tempo passado.

— O governo francez vê-se tambem em embaraços por causa das relações com a America. O *livro amarello* que já foi distribuido pelo corpo legislativo contém as seguintes questões:

Negocios de Italia e de Roma.
Visitas das esquadras de França e Inglaterra.
Navegação do Danubio.
Questão do Libano.
Situação da Grecia.
Correspondencia com os Estados-Unidos.
Questão do Chili.
Questão do Rio da Prata.
Negociações com o Japão.
Tratado de extradição entre a França e a Inglaterra.
Negocios commerciaes.
Commissão sanitaria internacional.
Expedição do Mexico.

Respeito aos negocios do Mexico lê-se no principio do *livro amarello* esta nota:

Visto que a publicação da correspondencia relativa ao Mexico poderia agora trazer seus inconvenientes em virtude das negociações diplomaticas a que se está procedendo, o governo aguarda occasião propria para apresentar esses documentos.

Aonde o livro diz: correspondencia com os Estados-Unidos depara-se com a nota seguinte:

«Adiando a publicação dos documentos relativos ao Mexico, tinha tencionado o governo imperial adiar tambem a correspondencia com os Estados-Unidos; mas entende que não deve adiar por mais tempo esta publicação, em razão da publicidade que na America tiveram os documentos apresentados no congresso.

Em França ha muitos receios de graves desintelligencias com os Estados-Unidos, e a reserva com que o governo anda neste negocio, serve para augmentar esses receios, que com quanto sejam exagerados, não deixam comtudo de ter algum fundamento, o que se deprehende dos seguintes dizeres d'um jornal francez que temos presente:

«Depois dos despachos de 8, 14 e 16 de dezembro, é de presumir certamente que o ministro dos negocios estrangeiros de França tenha recebido da America outros, mas em termos convenientes e conciliadores; sem o que nunca o discurso do imperador conteria um paragrapha tão cortez e amigavel para com os Estados-Unidos, como aquelle em que se falle mui lisongeiramente da grande republica e das relações, de quasi um seculo, entre a França e os Estados-Unidos.

«Mas ainda ha mais; reflectindo bem, havemos de nos convencer de que não póde

haver nenhum motivo de seria inquietação. Pois haverá ahi um unico jornal, um unico conselheiro da corôa, um unico membro do senado ou do corpo legislativo, que ouse dizer ao imperador: «Senhor, «convem prolongar a occupação do Mexi«co, e continuar a sacrificar lá o ouro e o «sangue da França»? Quem ousaria em França dar tal conselho, ainda que os Estados-Unidos não tivessem do outro lado o Rio Grande, ou ainda no caso de que a occupação do territorio mexicano por forças europeias fosse completamente indifferente aos Estados-Unidos?

«Acresce que o proprio imperador já manifestou as suas intenções no discurso da abertura do parlamento; e é provavel que pessoalmente as communicasse tambem ao representante official dos Estados-Unidos. Em Nova York póde haver algumas cabeças esturradas, alguns d'esses *bravi*, comedores de fogo, *fireaeters*, que nos *bar room*, entre as fumaças do wiski, vozeem a torto e a direito contra a França e Inglaterra. Póde haver ainda no parlamento alguns senadores ou deputados que façam loucas propostas, as quaes se desfazem como bolhas de sabão diante do bom senso de ambas as camaras.

«Mas dar-se-ha porventura que a maioria do parlamento, dar-se ha que Mr. Seward, que Mr. Staunton, que M'Culloch, que os commerciantes de Nova-York, de Boston, de Philadelphia, tenham o menor desejo de tornar a cavar o abysmo da divida, para chamar de novo ás armas os 800:000 soldados que acabam de ser licenciados, e para reconstruir as fragatas e «steamers», que ainda ha pouco se venderam em leilão?! Não, sem vezes não! E ahi está justamente o que nos faz dizer e sustentar muito afoutamente que é impossivel a guerra com os Estados-Unidos, e que a questão do Mexico só póde ter uma solução pacifica, tão honrosa para a França como para a união americana.»

Para que estes receios tenham mais razão de ser dá-se um facto que faz subir de ponto o desassocego com que a França está contemplando a America. Este facto é o modo como os Estados-Unidos e a Russia se cortejam mutuamente. A diversa indole dos dois governos, dos quaes um tem por base a democracia e outro a autocracia absoluta, não impede que o gabinete de S. Petersburgo e o de Washington se dispensem de parte a parte todas as attenções. Os jornaes de S. Petersburgo empenham-se em lisongear o governo dos Estados-Unidos, declarando que quando as potencias occidentaes da Europa se regosijavam com a guerra civil da America, era unicamente a Russia que fazia votos sinceros pelo restabelecimento da união americana.

Póde juntar-se a estes factos o acolhimento que se tem feito na Russia ao general americano Clay. Os negociantes de Moscou deram um banquete ao general, que respondeu a um brinde, dizendo:

«Pela Providencia foram enviados estes dois homens (presidente dos Estados Unidos e imperador Alexandre) para felicitarem as duas grandes nações, cuja sorte lhes está confiada; foi a Providencia quem lhes deu a vontade e os meios de se consagrarem á libertação de milhões de homens degradados pela escravidão. É a Providencia quem pelas seus mysteriosos designios promove, tanto nas monarchias como nas republicas, a obra da liberdade e da civilisação.

«Inclinemo-nos, pois, diante della, e estreitemos os laços de amisade entre as duas grandes nações de que somos representantes.»

E' tudo isto que faz com que a França receie uma alliança dos Estados-Unidos com a Russia, e que póde influir muito nas negociações entre aquella republica e o gabinete de Pariz.

O governo francez na exposição que apresentou nas duas casas do parlamento com relação ao estado do imperio, a respeito da Italia lê-se o seguinte:

«Se laços similhantes parecer não deverem estabelecer-se ainda entre a Austria e a Peninsula, os interesses commerciaes podem comtudo fazer prevalecer a ideia de estabelecer uma concordata que, melhorando as relações de visinhança, produzirá desde logo effeitos uteis, e abrirá de futuro o caminho para uma intima ligação. O governo do imperador estará sempre disposto a secundar os esforços que se fizerem para realisar este pensamento, e tratará sempre de dar ás partes interessadas a certeza de contar de antemão com os seus bons officios.

«A convenção feita em 15 de setembro de 1864 com a Italia estabeleceu entre as duas potencias signatarias deveres reciprocos. Estipulou alem d'isto em favor da santa sé, que não tinha tomado parte nas negociações, direitos de que ella podia usar segundo as suas conveniencias. A execução d'este artigo segue realmente o seu curso, e o papa mostrou-se disposto a aproveitar-se das garantias que lhe são offerecidas.

A mudança do governo italiano effectuou-se sem difficuldade, com assentimento desinteressado das antigas provincias piemontezas e com approvação das novas provincias do reino. Florença foi nos tempos modernos o verdadeiro foco do progresso nacional; já pelas suas tradições, já pela sua posição, esta grande cidade foi naturalmente destinada a ser a capital da Italia. Os sentimentos do paiz a este respeito, assim como tambem o bom senso e a liberdade dos homens de estado, são garantias da execução das obrigações contrahidas pelo tratado de 15 de setembro.

O governo do rei Victor Manuel cumpriu a condição que foi o ponto de partida d'estas convenções; parece-nos pois chegado o momento de começar a evacuação do territorio pontificio. A saída successiva das nossas tropas por destacamentos foi sempre considerada como a combinação mais favoravel para a santa sé. Evitava-se d'este modo o abalo que da saída repentina d'ellas poderia resultar.

Esta providencia teve outra vantagem; concentrando em um certo numero de pontos a occupação franceza, e deixando as provincias evacuadas sob a guarda do exercito pontificio, dava-se á santa sé a liberdade de acção. Sua santidade houve por bem apreciar estas disposições, e mandou-nos agradecer a solicitude que as havia dictado.

O primeiro destacamento que abandonou os estados romanos foi nos principios do mez de novembro, a nossa guarnição retirou-se das delegações de Velletri e Frosinone, que foram entregues ás tropas da santa sé. A gendarmaria romana, assim como os soldados das outras armas estacionados na fronteira, desenvolveram muita energia contra os salteadores, e factos já numerosos attestam e a efficacia da sua vigilancia.

A côrte de Roma occupa-se, além d'isto, em augmentar o effectivo do seu exercito, e collocar-se em estado de prover por si mesmo á manutenção da ordem interna de todo o seu territorio. Nós offerecemos-lhe todo o nosso apoio para lhe facilitar o recrutamento e a organisação das suas forças.

Pelo artigo 4.º da convenção de 15 de setembro a Italia declarou promptamente tomar sobre si uma parte proporcional da divida dos antigos estados da igreja. O governo imperial desejava assegurar á côrte de Roma os beneficios desta clausula. A difficuldade consistia em achar os termos de um compromisso que não implicasse da parte do papa renuncia alguma das suas precedentes reservas. O gabinete francez tem a esperança de chegar com o gabinete de Florença a um accordo tal, que a santa sé o possa acceitar sem quebra da sua dignidade.

Todos os esforços da França na Italia tendem a fazer triumphar as ideias de conciliação entre o governo do rei Victor Manuel e o papado. Estas duas potencias deram uma prova da disposição pacifica dos espiritos, entrando em negociações sob a iniciativa espontanea de sua santidade para o andamento regular dos negocios religiosos. Estas negociações não tem tido, é verdade, todos os resultados que dellas se esperavam no principio.

Comtudo não foram completamente estereis, por isso que as partes se entenderam emquanto á readmissão de muitos bispos nas suas dioceses.

Sem entrevir nestas conferencias nós não podemos senão animal-as. Applaudimos esta tentativa das duas côrtes italianas para debater sem intermediario os seus interesses communs.

Compromettendo-se pela convenção de 15 de setembro a respeitar a independencia do papado, o gabinete de Florença alcançou a adhesão dos governos catholicos, excepto o da Austria, que hesitou ainda a ligar relações diplomaticas com elle. Segura por esta garantia, na sua dedicação pelo soberano pontifice, a Hespanha reconheceu o rei Victor Manuel.

A Baviera seguiu este exemplo e a Saxonia, que bem como as côrtes de Madrid e de Munich está ligada por parentesco com os principes italianos desthronados, tomou uma resolução similhante. Estas relações acham-se consignadas no tratado de commercio que acaba de concluir-se entre o Zollverein e a Italia. E' uma garantia valiosa pura a paz geral.

—No dia 29 na camara prussiana o ministro Bismark declarou que o governo não tomaria parte no debate respectivo á questão de Lanemburgo, em consequencia de se não ter pago pelo thesouro a indemnisação que se fez á Austria.

Continuam a estar processados uns 10 ou 12 membros da camara dos deputados; comtudo o governo adiou o julgamento d'elles para quando terminasse a sessão legislativa. Já foram sentenciados por crimes identicos uns 20 deputados, dos que Jacobi está ainda soffrendo a pena de prisão aggravada.

—Parece que ha certa agitação na diplomacia dos estados secundarios da Austria. Diz-se que o gabinete de Vienna pretende aliar-se com as potencias occidentaes, e que tem havido conferencias entre o conde Mensdorf e os enviados da Baviera e Saxonia, a fim de accordarem n'uma medida commum para a politica da Austria e dos estados secundarios. Todavia nota-se certa desharmonia entre altas partes pactuantes. Os gabinetes secundarios optam pela via federal, mas o ministerio austriaco tem em vista formar uma coligação contra a Prussia, contando para isso com o apoio das potencias occidentaes.

Diz-se que a Austria continua a pedir a convocação das dietas nos ducados, e dizem alguns que, no caso das dietas proclamarem o duque de Augustenburgo duque de Holstein, haveria motivo plausivel para coagir a Prussia a pronunciar-se de algum modo; outros, porém dizem que o gabinete da Austria não está decidido a tomar a offensiva na questão dos ducados, por isso que não confia no apoio das potencias occidentaes, e teme novos embaraços com a Hungria, e que d'aqui resultará demora para se ultimarem as negociações com os estados secundarios.

Falla-se tambem em accordos existentes entre a Austria e a França, e ta quem diga que tambem a Inglaterra toma parte n'esses accordos.

Variedades

Em a noute de 2 do corrente deu-se no theatro d'Eixo um variado espectaculo. Achava-se ali, onde já bem conhecido, o actor Guimarães e sua esposa. Coadjuvados por alguns artistas da terra tinham já por algumas vezes representado alguns dramas e farças. A philarmonica tinha assistido gratuitamente; e o sr. Guimarães, que conhece perfeitamente a fraternidade e reciproco auxilio que deve haver entre artistas, accedeu de boa vontade á ideia de dar um beneficio em favor della. Foi designada para elle a referida noute. A direcção da philarmonica teve a ideia de fazerem algumas decorações na casa do theatro, compativeis com o curto espaço de tempo que medeava entre ella e a execução. Assim se fez. A' porta da casa foi collocado um arco de murta e flores, e fluctuando nos mastros algumas bandeiras. O salão do theatro tinha pendentes do tecto, paredes e frontal do palco muitos festões de buxo e flores, ornados de flames e galhardetes. Pendia tambem um lustre de madeira, mas de tal sorte embrincado de flores que fazia um lindissimo effeito.

Ao espectaculo concorreu, salvas pequenas excepções, toda a gente da terra, que estava nas circumstancias de auxiliar os seus patricios e amigos.

Mais de 400 pessoas occupavam a plateia.

Entraram em scena a *Mulher de dois maridos*, a *Visinha Margarida*, e a *Feliz decisão*, nas quaes todos os actores comprehenderam perfeitamente os seus papeis, entretendo os espectadores em continua hilaridade, sendo por isso muito applaudidos.

O sr. Guimarães, que é um actor consummado em papeis jucosos representou a scena comica—*Os devotos de Bacho*—e nella colheu novos e merecidos applausos.

O sr. José Reinaldo Oudinot, a pedido d'alguns amigos, e em obsequio dos beneficiados, recitou diversas poesias, sendo uma dellas — *A musica* — composição sua, para aquelle dia, e que adiante reproduzimos, ferneticamente victoriada.

Além de lhe serem arremessadas ao palco muitas coroas, foi por trez vezes chamado ao proscenio.

Damos aqui sinceros emboras ao sr. José Reinaldo, joven estudioso e dedicado e poeta de muito mimo e graça.

Muito desejaramos que s. s.ª publicasse algumas das suas composições, pois cremos que teriam muita acceitação do publico.

A philarmonica beneficiada executou lindas peças, e especialmente uma composta pelo seu mestre o sr. Pépe Castan, expressamente para este dia, em que elle executou admiravelmente algumas variações de clarinete, vencendo com muita certeza bastantes difficuldades. Antes de terminar esta peça apresentou-se no palco o sr. José Reinaldo, como admirando tantas harmonias e no fim dellas recitou a poesia já referida. Esta circumstancia deu á scena um tal collorido, enthusiasmou a tal ponto os espectadores, que as palmas e bravos retumbaram por muito tempo.

No fim do espectaculo repetiu-se com o mesmo effeito esta scena.

Uma outra poesia que adiante se lê expressamente feita por um auctor já bem conhecido do publico para ser recitada pelo socio da philarmonica, Calisto Luiz de Abreu Junior, não pôde ir á scena por encommodo que repentinamente occorreu, e sentimos bastante que a plateia ficasse privada de a ouvir e applaudir.

Assim acabou uma festa tão jubilosa com o fim d'animar o trabalho e a arte d'uma sociedade nascente, mas promettedora.

A MUSICA

Oh! salve, trez vezes, musica,
Irmã gemea da poesia,
Que com tua melodia
Nos dás doce inspiração!
Amo tanto os teus sons magicos,
Que nos transportam a mente,
Ou vem, doce e meigamente,
Fallar-nos ao coração!

A vossa empreza magnanima
Merece, artistas, louvores;
Haveis de colher as flores,
Que do trabalho provem.
—E' nobre o merito artistico!—
Se o poeta é laureado,
Nobre musico inspirado
C'roas merece tambem.

Se s'elevam do thuribulo
Ligeiros flocos d'incenso,
Se ao throno do Ser Immenso,
Sobem perfumes da flôr,
—Sobem tambem os sons mysticos,
Vibrados com harmonia,
Que voam na phantasia
'Té ao throno do Senhor.

Além vos desponta vivida
Aquella estrella radiante,
—Como a que aos Magos brilhante
Conduziu até Bethlem;—
E' da gloria a estrella fulgida,
Que com seu facho alumia
Quem no trabalho confia,
E só n'elle a esp'rança tem.

Se o proscripto melancholico
Ama a patria com saudade,
Se ama o preso a liberdade,
E o poeta a inspiração.
Se, salvo das ondas turgidas,
Ama a praia tão querida
O nauta, que já perdida
Viu da vida a salvação;

Assim vós amaes com jubilo
Estes sons todos magia,
Que ora nos dão alegria,
Ora fazem meditar;
E' por isso que hoje esplendido
Vejo unido este congresso,
Que amando o vosso progresso,
Quer a vossa arte animar.

E não é só por seu obolo,
Que esta assembleia brilhante
Vos diz:—artistas, avante!
—Vossa patria engrandecei.
A sua presença anima-vos
A terdes por estandarte
A gloria, que da vossa arte
Deve ser o fito e lei!

E vos diz: artistas, animo!
Continuae vossa empreza,
Que do trabalho a nobreza
Será o vosso brazão;
O tempo d'ocio tão placido,
Corrido neste exercicio,
Afugenta o rude vicio,
Ennobrece o coração.

De Camões quizera os canticos,
Do Tasso a lyra quizera;
—Artistas, se eu os tivera,
Se a podesse dedilhar,
Das artes eu animara-vos
A seguir o nobre trilho,
Que ellas á patria dão brilho
Hão de a fazer prosperar.

Se a poesia é irmã da musica,
Se irmão do musico o poeta'
Se a gloria é d'ambos a méta,
Sua base a inspiração,
Palpei as cordas da cytara
Por vos abraçar agora,
Para vos dizer n'esta hora:
—Artistas, sou vosso irmão!

Aveiro, 1 de fevereiro de 1866.

José Reinaldo Oudinot.

Em nome da mocidade
Que a arte fez enlaçar,
Minha infantil voz hoje ha de
Em vossos peitos soar:
De todos, sou o mais novo,
Mas neste arrojo vos provo
O ardor que excita este povo,
Que artistas sabe animar.

Esta terra filha da arte,
Que a arte ergueu e dourou,
Sempre aos artistas reparte
O que a sorte lhes negou;
Por isso anciosos viestes,
Patricios—favor nos destes,
Irmãos—a nós acorrestes.....
E eu tambem vosso irmão sou!

Amar as artes—é nobre;
Guiar artistas—gentil;
E o nosso gremio é tão pobre!
Precisa de esteios mil:
E' debil tenra inda a planta,
O mais leve euro a quebranta,
Mas que não vence e supplanta
Vosso amparo varonil?!.

Ah! mas se o tronco virente,
Um dia rojar no chão,
Se estallar ao sôpro ardente
De despiedoso tufão;
Jámais sentirá o effeito
D'esse vendaval desfeito,
A joia do nosso peito
Dom do ceu—a gratidão!—

J. J. de B. R.

Noticiario

Medalha da inauguração do monumento do senhor D. Pedro V. — Diz o *Diario Mercantil*, que a commissão do monumento do senhor D. Pedro V offereceu a El-Rei, e lhe apresentou no domingo, 4 do corrente, por intervenção de uma commissão que nomeou, uma medalha de ouro, commemorativa da inauguração do mesmo monumento.

Foi feita pelo sr. Moraes da Silva Ramos. De um lado representa o monumento, do outro a effigie do senhor Pedro V, tendo em volta a seguinte inscripção = *Os artistas portuenses* =.

E que tal? — Lê-se no *D. de Noticias*, de Lisboa, foi fuzilado n'uma praça de Madrid José Bernal, de 55 annos, casado e sem filhos, accusado de ter dado uma facada em uma guarda veterano que uma noite o quiz prender por elle soltar vozes subversivas. Apesar dos esforços do seu defensor, a justiça foi para com elle inflexivel.

E que tal? O homem tinha alguma pinga, deu algum viva ao Prim!

Ergò — FUZILAU!

E quem sabe se o veterano por vingança o aggredin, e elle se defendeu, conseguindo o fuzilamento?

Que vingança divina não tem um dia de receber a Hespanha?

De tal systema de governo, *libera nós domine.*

Rapidez electrica.—Diz a *Revolução de Setembro*, que o discurso de Napoleão III, na abertura da sessão legislativa franceza, foi entregue na estação telegraphica de Pariz á 1 hora e meia da tarde, pouco depois de ter sido pronunciado. Foi immediatamente transmittido para Bruxellas em trez partes, e por trez fios trabalhando simultaneamente, sendo composto em seguida. A's 2 horas e 10 minutos, isto é em 40 minutos, todo o discurso, contendo 1:784 palavras, tinha chegado ao seu destino, e ás 3 horas vendia-se nas ruas de Bruxellas a *Independencia Belga* contendo o texto completo do discurso pronunciado pelo imperador á 1 hora nas Tulherias de Pariz.

Lucta luso-americana. — Diz o mesmo jornal, que o caixeiro da casa de cambio sita da rua do Arsenal n.º 122, pediu hontem (5) ás 7 horas e meia da noite, ao municipal n.º 384, que fizesse sahir da sua loja um marinheiro ébrio, de um dos navios de guerra americanos surtos no nosso porto.

Este porém reagiu contra a intimação e lançou-se ao soldado, como *gato a bofe*, soccando-o soffrivelmente. O municipal não querendo ficar atraz e desmentir os brios patrioticos dos portuguezes, engalfinhou-se tambem no marinheiro, e lá foram ambos a terra—portuguez e americano, ferindo-se na fronte levemente.

O resultado da lucta não se fez esperar, porque, dentro em pouco, o marinheiro era conduzido ao hospital de S. José, onde foi curar-se da ferida apanhada na lucta com o municipal.

Esquadra americana. — Lê-se no *J. do Commercio*, de Lisboa: A esquadra que os Estados-Uunidos da America tem sempre na Europa, e que até agora tinha o seu quartel general em Nice, recebeu ordem de se dirigir ao Tejo, e de estabelecer aqui esse quartel general. E' por isso, que o almirante mandou allugar casa em Lisboa, e que alguns vasos da esquadra já estão ancorados no rio.

Por emquanto só chegaram o «Colorado», fragata a vapor de 42 peças e da força de 700 cavallos, commandada pelo commodoro R. H. Weyman, com 550 praças de guarnição; e o «Kearsage», da força de 400 cavallos, 7 peças, e 180 praças, commandado pelo official A. D. Harrett.

Esperam-se brevemente outros vasos.

Carne de cavallo. —Diz o mesmo jornal: A administração municipal de Pariz auctorisou a abertura de estabelecimentos para a venda de carne de cavallo, sob as mesmas regras e condições que regem as carnicerias ordinarias. Habilitou-se para isso um matadouro publico.

Estabelecimentos analogos existem em Vienna, Berlim, Stockolmo, e Copenhague.

Joias dos visigodos.—Do mesmo jornal: Um acaso favoreceu descobertas importantes nas ruinas da casa de Cerbasto, que atravessam o estreito d'Ucos, entre a França e o Aragão. As violentas tempestades da estação derribaram um muro da torre meridional, deixando a descoberto varios sepulcros que remontam á época da dominação gothica.

A noticia espalhou-se logo e fizeram-se escavações, dirigidas com muita intelligencia, e já produziram uma quantidade consideravel de joias de todos os generos, diademas, braceletes, anneis, e alfinetes. Estas joias, juntas ás corôas que se acham no museu de Cluny, permittem que agora hajam noções exactas da arte e civilisação dos visigodos.

Emigrados hespanhoes. — Lê-se no *Nacional*: Os officiaes hespanhoes dos regimentos de Almanza e Provincial de Madrid, gratos ao bom acolhimento que encontraram em todos os portuguezes, desde Bragança até á cidade de Aveiro, onde actualmente residem, enviaram-nos o seguinte testemunho da sua gratidão, que damos trasladado para a lingua do paiz, para que chegue ao conhecimento de todos:

«Os officiaes de Almanza e do Provincial de Madrid, completamente agradecidos a todo o reino de Portugal, e com especialidade ás povoações por onde passaram, desde Bragança até á cidade d'Aveiro, inclusivè, entendem do seu dever manifestar publicamente a sua gratidão, a qual será eterna, pelo bom acolhimento que receberam; aguardando o momento de o provar, publicamos os nossos nomes e graduações para que a todo o tempo sejamos nhecidos:

Tenente-coronel—D. Antonio Maria Campos.
Commandante—D. Eulogio Gonzalez.
Capitão — D. Alego Canas.
» — D. Florenço Feijó.
» — D. Francisco Sanchez.
» — D. Frederico Guerra.
» — D. Nicolas Martinez.

» — D. Faustino Garcia Fontela.
» — D. Luiz Padial.
1.º Ajudante medico — D. Frederico Gavidia.
Ajudante — D. Ignacio Moreno.
Tenente — D. Pedro Basurto.
» — D. Manuel Albero.
» — D. José Minguella.
» — D. Manuel Lopes Zabaleta.
» — D. Ramon Maria Riofrio.
» — D. Julio Cires.
» — D. Alvaro Velasco.
» — D. Manuel Garcia Florez.
» — D. Isidoro Martin.
» — D. Victoriano Garcia.
» — D. Vicente Garcez.
Sub-tenente — D. Lauriano Casado.
» — D. José Berri.
» — D. Manuel Magalhon.
» — D. Vicente Cabrera.
» — D. Antonio Gonzalez.
Officiaes do Provincial de Madrid;
Tenente — D. José Ayns,
Subtenente — D. Eduardo Guiegot.
» — D. José Estirado e Gomez.

Emprazamento. — No pasquim, ou jornal das duas edições, que ahi se imprime no largo da Vera-Cruz, appareceu no sabbado o seguinte:

«*Emprazamento* — Emprazamos pela segunda vez os maráus, a que declarem qual dos redactores do *Campeão das Provincias* não foi *por misericordia* processado como *falsario* ha pouco mais de um anno; e em que facto da sua vida publica ou privada bazearam aquella torpe insinuação.

Este nosso emprazamento repetir-se-ha tantas vezes, quantas forem necessarias para que os maráus respondam a elle cathegoricamente.»

Não é preciso ateimar comnosco. Nós promettemos fornecer as provas da falsificação da qual, por misericordia, não resultou um processo crime; pomos uma unica condição: que o sobredito pasquim nos ha de declarar primeiro muito explicitamente quem são os contrabandistas a que allude pela segunda vez no mesmo numero, artigo segundo da primeira pagina, columna primeira.

Emprazamento por emprazamento. Veremos quem fraqueja.

Lyceu de Aveiro. — Voltam ainda os alvidradores da legalidade a aggredir o sr. secretario do lyceu na questão dos emolumentos já debatida. Não produzem argumentos novos. Reproduzem os sofismas com que da primeiaa vez pretenderam embrulhar a questão.

Os termos d'ella, porem, são tão simples, que não comportam deducções metaphysicas. Ha no regulamento um unico artigo que marca os emolumentos que os secretarios devem levar pelas certidões. E' o artigo 94. Se este artigo quando diz certidões *annuaes* quiz referir-se a todas, annuaes e não annuaes, tem razão os adversarios do sr. secretario. Se não quiz, e fez distincção entre umas e outras, tem este razão contra aquelles. Não confundam, pois por que os termos da questão são estes.

Não sabemos por que hermneutica se pode sustentar a primeira interpretação. A segunda é obvia, está na lettra e no espirito da lei, assim se entende em todos os lyceus, assim se entendeu sempre aqui. Porque é que agora desperta clamores n'aquelles proprios que presenciaram tantos annos esse inaudito escandalo, sem se revoltarem, assim como nos outros lyceus ninguem se revolta contra elle?

E' o caso do *dicant Paduani*, e assim se termina a questão.

Resta-nos responder a um argumento, por que ainda temos a nimia boa fé de responder aos argumentos que nos apresentam aquelles que contraditamos, posto que elles illudam e invertam os nossos.

Diz-se: que cada repartição tem a sua tabella por onde exige e cobra os respectivos emolumentos, não podendo servir-se das tabellas que regem outras repartições. Não é assim: em diversas repartições vigora a tabella dos emolumentos judiciaes para todos os termos do processo, que a tabella propria não especifica. Da-se este caso com as alfandegas, e com outras repartições como podem informar-se. Logo a objecção é improcedente.

Ao que não é argumento nem couza que o pareça não respondemos por esta vez. Que nos importa que se suppunham irresistiveis!

Vaidades, vaidades!

Policia. — Teve hoje logar a policia a que foi chamado o sr. José Eduardo de Almeida Vilhena, editor do *Campeão das Provincias*, por injurias contra o revedendo parocho d'Agueda, o sr. José Ferreira Estimado.

O reu retirou a injuria, pedindo que o processo terminasse ali. O advogado do auctor impugnou por tardia a satisfação, e o processo proseguiu.

O sr. Vilhena foi multado em 15$000 réis.

Eram advogados, do auctor o sr. Santhiago, e do reu o sr. José Fortunato Themudo.

Apanhado com a bocca na botija. — A dona d'um quintal que ha para as bandas de Santo Antonio ha tempos que dava pela falta de diversos fructos, que lhe eram roubados de noute, e com chave falsa.

Uma d'estas noutes poz-se d'embuscada, acompanhada por um guarda da camara. Apanhou o ladrão com a bocca na botija. Seriam onze horas, sentiu abrir a porta. Espreitou e viu entrar um homem, que foi direito a um formoso e bem sortido limoeiro que ha no quintal. Teve coragem de o deixar começar a colheita, e quando elle já tinha parte dos limões mettidos n'um sacco, gritou e precipitou-se mais o guarda sobre elle.

Mas oh! surpresa! Apenas se acercou do roubador, quem ha de reconhecer? Seu proprio marido, de quem anda ha muitos annos divorciada, e que ia roubar noturnamente os fructos da propriedade de sua mulher!

No entretanto, tinha acudido gente e o máo marido foi indo para a cadêa, com o seu roubo que, apesar de ser avaliado em 120 réis, lhe vae render alguns mezes de cadêa.

Parece que fóra do quintal estavam *duas receptadoras*... dos limões, e que deram ás de villa diogo apenas sentiram os gritos da roubada.

Récita. — Como se tinha annunciado foi hontem á scena no theatro dos Artistas o drama em trez actos = *André o fabricante* =, e a comedia = *Apanhei os cinco contos* =.

O theatro estava litteralmente cheio. Na plateia não havia um logar desoccupado, e até alguns dos espectadores tiveram que estar em pé, e fóra do recinto da plateia.

Nos camarotes não escasseava tambem o bello sexo. Cada um delles, póde dizer-se sem exageração, estava como que a servir de canteiro a engraçadissimas flores.

Ha muito tempo que não vimos o theatro dos Artistas mais concorrido.

Estava elle decorado singellamente, mas com gôsto. No topo da bocca do theatro liam-se estas palavras: = **Preito ao genio** =. Ornaram os camarotes festões de murta e flores, rematando em tropheus em que se liam as iniciaes **J. E.** e **L. S.**

Em frente do proscenio lia-se a data de **16 de Julho de 1853**, memorando o dia da sessão, em que o immortal orador pediu a edificação do lyceu.

Rompeu o espectaculo pelo hymno dos alumnos do lyceu; e em seguida o sr. Arthur Ravara recitou uma poesia do sr. F. Resende, que teve a honra de *bis*. Principiou depois o drama, que correu como era de esperar de mancebos intelligentes. Foi geralmente bem desempenhado, tendo algumas scenas perfeitamente interpretadas. Distinguiram-se principalmente o sr. Sebastião Pereira, na parte de P. Martins, e Arthur Ravara, no do doutor, que tiveram chamadas especiaes.

No primeiro entre-acto recitou no palco o sr. F. Regalla uma poesia, composição sua, que foi estrepitosamente applaudida, depois n'um camarote os srs. José Reinaldo e José Pinto recitaram tambem poesias *ad hoc*, que foram enthusisticamente recebidas.

Logo depois do drama, o sr. F. Magalhães recitou no palco as *Novas conquistas* do poeta do «D. Jayme.» O sr. F. Magalhães esmerou-se em interpretar o pensamento do mimoso poeta, e cremos que o conseguiu.

A comedia = *Apanhei os cinco contos* = apezar de andarem bem os personagens, não agradou.

Terminou o espectaculo com geral agrado de todos os assistentes, não só pelo bom desempenho, como — pela ideia que presidiu áquella festa.

Cabe aqui tambem elogiar a sociedade do theatro, que generosamente o prestou.

Theatro. — A recita que havia de ter logar sabbado, no theatro dos *Artistas*, fica transferida para o dia immediato em consequencia de circumstancias que occorram, e que não podiam ser previstas, quando se annunciou o espectaculo.

A falta de comparsas parece que é a causa da transferencia. O adiamento, porém, não é longo: o que deixa de se gosar no sabbado gosa-se no domingo.

Fuzilamento. — No dia 3 do corrente ás 8 horas da manhã foi fuzilado o capitão de caçadores de Figueras, D. Pedro Espinosa y Mora, que tinha 29 annos de edade e era cazado.

Correu primeiro que lhe seria commentada a pena de morte a que fôra condemnado pelo conselho de guerra. O boato não se realisou, nem podia deixar de succeder assim, porque o governo de Hespanha regosija-se muito com espectaculos de sangue.

Pobre povo!

Correio da Capital

(Do nosso correspondente)

Lisboa, 8 de fevereiro

Está completamente desvanecido o boato de reconstrucção ministerial; o sr. ministro da guerra tambem não pediu a sua demissão, como se dizia; consta que s. ex.ª, tem experimentado consideraveis melhoras, o que nós de coração estimamos.

Na segunda feira á noite houve reunião da maioria da camara electiva. O governo declarou aos seus amigos, que eram falsos e destituidos de fundamento os boatos propalados de ter o sr. ministro da guerra pedido a sua demissão, e de recomposição do ministerio. A reunião esteve concorridissima. O governo acha-se com forças de governar; nós o estimamos deveras; mãos pois á obra, por que a maioria, que é illustrada, não deixará de auxiliar o governo em todos os seus commettimentos em prol dos interesses sociaes.

O sr. Sá Nogueira concluiu o seu discurso. Seguiu-se lhe o sr. Pereira Garcez, deputado pela India — Como a hora estava adiantada ficou com a palavra para o dia seguinte.

Na sessão de terça feira, não houve antes da ordem do dia cousa que mereça menção especial.

O sr. Garcez usou largamente da palavra sobre o contrato. Fallou com clareza, e foi logico na sua argumentação debaixo de ponto de vista por que encarou a questão.

Fallou em seguido o sr. Serpa, que tratou de responder aos argumentos apresentados pelos srs. Garcez, e L. de Carvalho. S. ex.ª argumentou como homem entendido na materia. Poz a questão no seu verdadeiro pé; e todos sabem que uma questão bem posta, pode-se dizer que está meia resolvida, e por isso não foi difficil ao orador levar o convecimento ao espirito da camara.

Fallou o sr. Souza Brandão, e bem assim o sr. Ayres de Gouveia, que mandou para a mesa a seguinte proposta: «Proponho que o governo faça estudar o local do Valle da Piedade para a collocação da estação no ramal de Valladares».

Começou depois a fallar pela segunda vez o sr. José Julio, e porque a hora estava adiantada ficou com a palavra reservada.

Na sessão de quarta feira, antes da ordem do dia o sr. Freitas Branco, deputado pela Madeira, chamou a attenção do governo sobre uns pasquins, que foram fixados nas ruas da capital contra o Banco de Portugal, a quem se assacam gravissimas accusações, como a de ser falso o balanço, que a direcção remetteu ao governo, não conferindo com o balanço apresentado á assembleia, porque ha uma differença de mil e tantos contos de rs.

O sr. ministro das obras publicas respondeu d'um modo satisfatorio, e lisongeiro para aquelle importante estabelecimento de credito.

Tomaram a palavra sobre este assumpto os srs. Sant'Anna, barão de Magalhães, T. e Vasconcellos, Pinto de Magalhães, e C. Bento; todos estigmatisaram o meio pelo qual se quiz abalar o credito d'um estabelecimento que contem os haveres de muitas familias.

Entretanto, alguns oradores mostraram, e foram de opinião, que seria tambem rasoavel, que o governo nomeasse uma commissão de inquerito ao banco, quando entendesse; mas não na presente conjunctura, afim de que se não diga que o governo dera o passo só depois do apparecimento dos pasquins.

Antes de se passar á ordem do dia, entraram na sala, e prestaram juramento os srs. conselheiro José Luciano de Castro, deputado por Vianna, e Andrade Corvo, por Idanha a Nova.

A camara fez duas acquisições importantes; por que são dois homens distinctos, com cuja cooperação a camara tem muito a lucrar.

E' o sr. José Luciano, progressista, escriptor conhecido nas lettras patrias; orador distinctissimo, e director dos proprios nacionaes, onde tem prestado, pela sua intelligencia, e assiduo trabalho, valiosos serviços.

E' o sr. Andrade Corvo, prefessor abalisado, e esmerado cultor das lettras patrias; não é ainda conhecido no mundo politico, nem como estadista, nem como orador, mas diz-se que s. ex.ª tem dotes oratorios.

Já veem os leitores, que a camara, com razão devia jubilar com a entrada d'aquelles cavalheiros.

A maior parte dos deputados, que se achavam na sala deram a mais sentida prova de sympathia ao sr. Luciano de Castro; a alegria era visivel em todos os seus amigos politicos, e n'alguns deputados da opposição, que, não obstante serem de uma politica opposta, não foram soperiores á alegria que lhes causou a entrada de mais um companheiro distincto para as lides parlamentares.

Sejam pois bem vindos, porque a patria tem a esperar muito de ss. ex.as

Entrou-se na ordem do dia. Continuou com a palavra o sr. José Julio, a qual ficára reservada da sessão passada. Disse que não era seu intuito hostilisar o governo, mas que votava contra o projecto por ser aquella a sua convicção, entrando na apreciação do assumpto repetiu os argumentos já apresentados.

Fallou em seguida o sr. Cesar Falcão, em favor do contrato, mandando para a meza uma proposta, que sustentou com clareza e intelligencia. O sr. Falcão tem dotes oratorios e uma voz sympathica e insinuante.

Julgou-se depois discutida a materia, e em votação nominal, foi o contrato approvado por 94 votos contra 30. A discussão foi longa, mas placida e esclarecida.

Houve camara dos pares. A sessão não desperta a curiosidade dos leitores. Apenas se leu um officio do presidente da camara electiva, enviando o projecto que regula a liberdade d'imprensa.

Entrará na sexta feira em discussão na camara dos deputados a resposta ao discurso da corôa. Praza a Deus que a resposta seja votada sem discussão alguma, porque o tempo, que se consome em discutir, um papel, que não é mais que um comprimento do throno, é perdido para os assumptos de maior momento.

— Não tem havido nestes ultimos dias, diz o *Escholiaste Medico*, de 31 de janeiro, ultimo, noticias officiaes da cholera em Freixo de Espada á Cinta.

— A sr.ª marqueza de los Castillejos, prepara-se para se retirar em direcção a Lisboa, para se reunir a seu marido general Prim, que sahira hontem pelo caminho de ferro, afim de se fazer encontradiço com ella. Acompanhou-o o sr. marquez de Niza.

— Bateram-se em duello os srs. Anthero do Quintal, e Ramalho Ortigão — Diz-se que este ficara ferido, e que o desafio fôra á espada. A questão litteraria tinha o nó tão forte, que só a espada o pôde cortar (?)

— O sr. Antonio Lopes dos Santos, bacharel formado, foi nomeado para um logar de amanuense da secretaria de estado dos negocios das justiças.

— Foi agraciado com a commenda da ordem de S. Bento de Aviz o sr. José de Medeiros Bettencourt, segundo commandante da guarda municipal do Porto. Damos os parabens áquelle benemerito e valente official pela merecida distincção com que acaba de ser honrado.

Por hoje mais nada. Y. Z.

Annuncios

A meza do governo da Santa Casa da Misericordia desta cidade, ha de no dia 22 do corrente mez pelas 3 horas da tarde vender em leilão á porta do celeiro, o trigo galego, tremez, centeio e milho, recebido dos fóros vencidos pelo S. Miguel do anno proximo findo.

E dar de arrendamento pelo tempo de 6 mezes a casa do mesmo celeiro.

AVISO

A Meza da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco desta cidade faz publico que em sessão de 28 de janeiro deliberou excluir da procissão da Cinza todos os noviços, que tem deixado passar o anno do noviciado, sem que no fim d'elle tenham procurado a profissão, como dispõe a reza e estatutos da ordem.

Para levar a effeito essa deliberação, resolveu a meza fazer entregar cartas patentes a todos os professos, aos quaes se roga que na occasião da prossição apprésentem as ditas patentes aos distribuidores da cera; pois que as tochas só serão distribuidas áquelles, que mostrarem o documento, de que fazem realmente parte da irmandade.

Aveiro, 3 de fevereiro de 1866.

O secretario
José Maria da Costa Azevedo.

Pelo cartorio do escrivão Ramos de Loureiro do julgado d'Ilhavo se hão de arrematar, em hasta publica, no dia 18 do corrente mez pelas 10 horas da manhã, na sala do tribunal judicial do mesmo julgado, os seguintes bens: Um pinhal, sito na praça da Ermida, que lhe chamam a Raposa, que parte do norte com Manuel Ferreira Branco, e do sul com Manuel Ferreira Solha, avaliado em 38:400 rs.

Mais outros moveis que estarão patentes no acto d'arrematação; cujos bens pertencem ao orfão, filho que ficou de Manuel Nunes da Costa, e de Luiza dos Santos do dito logar da Ermida.

O escrivão
Ramos de Loureiro.

Pelo cartorio do escrivão Ramos de Loureiro, do julgado d'Ilhavo, se ha de arrematar, em hasta publica, no dia 18 do corrente mez, pelas 10 horas da manhã na sala do tribunal judicial do mesmo julgado, por execução que move Antonio José Vieira Machado, da cidade do Porto, a José Vicente Soares, da villa d'Ilhavo, os seguintes bens: Um casarão sobradado com pateo e suas pertenças, avaliado em 140$000 rs., sito no Oitão da mesma villa.

Mais quatro pipas avaliadas em réis 14:800.

Mais duas ditas avaliadas em 4:800 réis.

Mais dois quartos pequenos, avaliados em 730 réis.

Mais um caixão forrado de lata que tem de cumprimento dois metros e de largo um, avaliado em 18$000 réis.

O escrivão
Ramos de Loureiro.

João Antonio da Graça, d'Ilhavo, constando-lhe que Luiz Simões Mariz tem contratado vender a sua casa e aido sito na Legoa, e devendo-lhe elle a quantia de 24$000 rs. de 3 annos de fóros da dita casa, protesta haver a referida quantia dos compradores, e assim o faz publico para que não alleguem ignorancia, quando usar da acção a que tem direito. (2)

Por deliberação da direcção da sociedade agricola deste districto se annuncia, que se acha aberto na candelaria districtal até ao fim de junho do corrente anno, o posto de cobrição, vulgarmente chamado terreiro, que d'ora em diante é gratuito o lançamento, não se pagando quantia alguma a titulo de cavallagem — que ao mesmo lançamento serão somente admittidas as egoas a marca de 1,m49, ou 54 polgadas e d'ahi para cima, e não menos de tres, nem mais de doze annos de edade — bom corpo — ventre e bojo grandes, largos quadriz, e serem puras e limpas de quaesquer achaques e aleijões, mormente dos transmissiveis por geração.

Aveiro, 3 de fevereiro de 1866.

O Secretario Vogal
Francisco Pereira Peixoto de Queiroz.

Venda de casas

Vende-se uma morada de casas de um andar, mas com bastantes commodidades, e bem reparadas, e com quintal, sitas na rua das Barcas d'esta cidade.

Quem as pertender falle com o seu proprietario — José Maria de Carvalho Branco. (2)

No talho novo da praça da Fruta, junto ao hotel do Vouga d'esta cidade, se vende boa carne verde de vacca e vitella a 190 réis o kilograma.

AREIA SUPERIOR

Quem pretender areia para obras de casa muito superior á d'Esgueira, a preço por carro 200 réis, falle com Jeronymo Pereira Campos, d'esta cidade.

PIANOS

Ha na rua dos Mercadores n.º 13 deposito de pianos d'um dos mais acreditados fabricantes de Pariz.

Os preços são os mesmos dos depositos do Porto e Lisboa.

Livraria de

JOÃO DA SILVA MELLO GUIMARÃES

Na Rua Direita em Aveiro

Acabam de chegar a esta livraria as seguintes obras:

«A queda de um anjo», romance por C. Castello-Branco; 1 vol., preço — 500
«A lucta de gigantes», pelo mesmo auctor; 1 vol. . . — 500
«A casa dos phantasmas», episodio do tempo dos francezes, por Luiz Augusto Rebello da Silva; 2 vol. . . . — 1$000

Sobre a questão litteraria denominada «Escola Coimbrã» ha á venda todos os opusculos publicados, sendo o mais recente o do sr. Camillo Castello Branco, que se intetula «Vaidades irritadas e irritantes.»

A'cerca do casamento civil ha igualmente á venda todas as publicações que tem apparecido pró e contra, acabando pelo opusculo do exm.º sr. Antonio Luiz de Seabra, redactor do «Codigo Civil».

SABBADO 10 — FEVEREIRO 1866

THEATRO
DOS
ARTISTAS AVEIRENSE

O drama em 3 actos e um quadro intitulado:

29
ou
Honra e Gloria

A comedia n'um acto:

Util e agradavel

Uma surpreza carnavalesca

Entrada ás 8 horas.

Os bilhetes acham-se na loja de João José dos Santos Leite, na Praça do Commercio desta cidade.

Em consequencia d'um motivo imprevisto, a récita annunciada para sabbado 10, fica transferida para domingo 11.

Os bilhetes com data de 10 teem entrada no dia 11.

Responsavel. — M. A. L. DE MESQUITA.
— *Typ. do* «**Districto d'Aveiro.**»